
A AÇÃO MISSIONÁRIA DO PADRE ANTONIO RUIZ DE MONTOYA NO GUAIRÁ, NO INÍCIO DO SÉCULO XVII¹

PRIEST ANTONIO RUIZ DE MONTOYA MISSIONARY ACTIVITY IN GUAIRÁ, AT XVII CENTURY BEGINNING

Marli Delmônico de Araújo Futata²
César de Alencar Arnaut de Toledo³

Resumo: Este texto aborda a ação missionária dos jesuítas no Guairá, no início do século XVII, no território que hoje é o Estado do Paraná. O objetivo é identificar na obra *Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*, de Antonio Ruiz de Montoya, as estratégias utilizadas para a introdução do cristianismo junto aos indígenas Guarani. A obra é uma crônica escrita pelo Padre Montoya, publicada em Madrid, em 1639, e representa o primeiro registro acerca da missão evangelizadora no Guairá, onde missionou no período de 1612 a 1631, quando as reduções foram destruídas por bandeirantes paulistas. Por um lado o sistema de Reduções aprimorou, organizou e facilitou o trabalho dos missionários jesuítas na catequização e busca da conversão dos indígenas no Guairá, assim como em outras regiões da América Espanhola. Por outro lado, agrupados em reduções se tornaram vulneráveis aos colonizadores.

Palavras-chave: Companhia de Jesus. Antonio Ruiz de Montoya. Província Guairá.

Abstract: This text approach Jesuits Missionary Activity at Guairá, in the beginning of XVII century, the territory where is Paraná State nowadays. The main goal was to identify the book "*Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*" by Antonio Ruiz de Montoya, the strategy employed for Guarani's indigene Cristian introduction. The book is about a literary chronicle written by Priest Montoya, published in Madrid, in 1639, and represents the first evangelizing missionary here of register at Guairá, where stayed on this mission from 1612 until 1631, when the reductions were destroyed by *bandeirantes paulistas*. On the one hand the reduction system improved, organized and eased the Jesuits missionaries job at proselytize and conversion indigenes search, at Guairá, as well as other Spanish America regions. On the other hand, grouped in reductions became vulnerable to settlers.

Keywords: Society of Jesus. Antonio Ruiz de Montoya. Guairá Province.

¹ Uma versão preliminar deste texto, sob o título *A ação missionária e educativa dos jesuítas: o caso do Paraná*, foi apresentada no X Congresso Luso Brasileiro da História da Educação (COLUBHE) realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná em 2014.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora do Departamento de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), Membro do Grupo de Pesquisa sobre Política, Religião e Educação na Modernidade.

³ Doutor em Educação pela UNICAMP (1996). Professor do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Maringá/UEM-PR, Líder do Grupo de Pesquisa sobre Política, Religião e Educação na Modernidade. 2

INTRODUÇÃO

Este texto aborda a ação missionária desenvolvida pelos jesuítas, no início do século XVII, no Guairá, território que hoje é o Estado do Paraná. O objetivo é identificar na obra *Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*, do Padre Antonio Ruiz de Montoya, as estratégias utilizadas para a introdução do cristianismo junto aos indígenas Guarani. A obra é uma crônica escrita pelo Padre Montoya (1585-1652) e representa o primeiro registro acerca da missão evangelizadora no Guairá, onde missionou por vinte e seis anos, de 1612 a 1638, quando as reduções foram destruídas por bandeirantes paulistas. Esse jesuíta se sobressaiu entre os demais membros da Ordem, que participaram das Reduções no Guairá, principalmente por sua dedicação no trato com as línguas e pela defesa dos indígenas contra as violentas forças da colonização. O Padre Ruiz de Montoya, nascido no Peru, mas de nacionalidade espanhola, além de sua atividade missionária produziu materiais importantes para o trabalho junto aos Guarani. Elaborou um dicionário guarani-espanhol e espanhol-guarani, uma gramática e um catecismo.

O registro das atividades desenvolvidas pelos jesuítas fazia parte da organização da Companhia, que tinha na escrita um de seus pilares, devido a formação intelectual de seus membros fundadores. Esses registros eram feitos, de modo detalhado pelos padres, irmãos e superiores por meio de informes, relatórios, cartas e crônicas. Informativos que possuíam funções, destinatários e objetivos distintos, todavia, de modo geral, constituíam peças publicitárias acerca das missões. Essa correspondência era instrumento fundamental na divulgação das ações apostólicas e no convencimento do leitor sobre os feitos edificantes e sucessos extraordinários da conquista espiritual atingida pelos missionários. Tudo isso era importante para manter apoio político e financeiro, bem como atrair noviços e garantir o futuro das missões. Por fim, esses registros nos possibilitam conhecer como se deu o cotidiano das empreitadas jesuíticas em todos os lugares onde se fizeram presentes.

A crônica de Padre Montoya, que é analisada aqui, não foi escrita com rigor científico-metodológico. Apresenta-se como uma narrativa dos acontecimentos, como um memorial

das atividades reducionistas e com caráter autobiográfico. Com pouquíssimas notas explicativas e apenas uma breve biografia de seu autor, foi originalmente denominada *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Iesus, en las prouincias del Paraguay, Parana, Vruguay y Tape* e publicada em Madrid no ano de 1639. Criticada por parte dos historiadores, pela forma apresentada, foi porém, considerada de grande valor histórico. Para esta pesquisa foi utilizada a 2ª edição brasileira, traduzida pelos padres Arnaldo Bruxel e Arthur Rabuske, ambos jesuítas, e publicada pela editora Martins Livreiro, em 1997.

O processo de colonização da América, em especial do Cone Sul desse continente, contou com a Companhia de Jesus, que na campanha pela conversão dos nativos ao cristianismo, contribuiu para a consolidação da expansão das coroas ibéricas. Ordem idealizada por Inácio de Loyola no contexto da ruptura da Igreja Cristã do ocidente ocorrida a partir da Reforma Protestante e aprovada em 1540 pela bula *Regimini militantis ecclesiae*, do papa Paulo III, a Companhia de Jesus nasceu e se estendeu no século XVI aos quatro continentes.

Inspirada na devoção moderna do início do século XV, a Ordem dos Jesuítas nasceu sob a égide da renovação das ordens regulares tradicionais e foi estimulada pelo Concílio de Trento (1545-63). Para além das semelhanças entre esta e as demais que surgiram naquele momento de renovação espiritual, a Companhia de Jesus guardava uma particularidade. Para além dos três votos habituais – obediência, castidade e pobreza – das demais Ordens: franciscanos capuchinhos e carmelitas descalços, a Companhia de Jesus acrescentou um quarto voto, a saber: de fidelidade estrita ao papa. Por este motivo ela passou a ser considerada uma “[...] espécie de vanguarda da Reforma católica” (NEVES, 2000, p. 326). Com efeito, fiéis a seu modelo de missionação, os soldados de Cristo, como assim os chamou Baeta Neves (1978), estabeleceram casas de formação e de missão em todo o território que à época constituía a América espanhola e portuguesa.

As Missões do Guairá estavam inseridas nas Missões Jesuíticas do Paraguai, sob o controle da coroa espanhola e que abrangiam territórios do Paraguai, da Argentina, do Chile e também as regiões brasileiras do Rio Grande do Sul ao Paraná, como destaca em sua obra Padre

Montoya: "Não se deve confundir a Província do Paraguai com a Província Jesuítica do Paraguai, que territorialmente ainda era mais vasta ou extensa e tinha sua sede 'provincial' em Córdoba da Argentina e, por uns tempos, até abrangia o Chile (MONTOKYA, 1997, p. 20).

É comum nos depararmos com uma polarização quando tratamos de fontes sobre as missões religiosas visto que, ora são apoloéticas, ora são detratoras. De modo que, consciente de que as fontes não falam por si, especialmente quando utilizamos materiais produzidos "no calor da hora", como é o caso da obra do Padre Montoya, é necessário um exercício constante de crítica dos relatos contidos na obra, pois nenhum documento está isento de questionamentos e de parcialidade.

A PROVÍNCIA GUAIRÁ

*Em cristandade nova, usa Deus de métodos novos.
Padre Antonio Ruiz de Montoya*

Uma parte do atual Estado do Paraná foi, nos séculos XVI e XVII, a Província Guairá. Território fronteiriço dos domínios das coroas espanhola e portuguesa, por força do Tratado de Tordesilhas, assinado entre Portugal e Espanha, em 1494⁴. Guairá era uma região de muitos conflitos. Limitava-se ao norte, com o rio Paranapanema, ao sul com o rio Iguaçu, a oeste com o rio Paraná e a leste com as serras de Guarayrú⁵. A população da região era composta por grupos indígenas diversos, mas principalmente constituída pelos guarani⁶. Era um "Território de terra fértil e de grande população indígena, permeada de rios navegáveis e caminhos ancestrais [...]"(AGUILAR, 2002). Espanhóis e portugueses começaram a chegar ao litoral sul do

Brasil a partir de 1504. Contudo, Portugal não se ocupou da colonização de suas terras interioranas de imediato, pois: "[...] as forças do pequeno reino de Portugal eram limitadas diante dos desafios colocados pela expansão, e o Brasil, mesmo localizado relativamente perto da Europa, não oferecia, à primeira vista, riquezas ou especiarias lucrativas como a Índia - com exceção do pau-brasil" (MAINKA, 2012, p. 54).

A coroa espanhola, por sua vez, iniciou expedições à procura de uma passagem interoceânica, ligando o Oceano Atlântico ao Pacífico, já em 1515. Essas expedições possibilitaram a descoberta do caminho do Peabiru "[...] que atravessava o território paranaense no sentido Leste-Oeste, até o Rio Paraná, entrando pela região do Chaco, no Paraguai e atravessando os planaltos peruanos" (STECA; FLORES, 2002, p. 1) e atingia o Oceano Pacífico. Tratava-se de uma via de comunicação dos indígenas e que recebeu, mais tarde, o nome de caminho de São Tomé, pelos jesuítas. Peabiru tornou-se a porta de entrada para a colonização da terra recém descoberta (OLIVEIRA, 2003). Por esse caminho a cultura europeia adentrou a parte oeste do Cone Sul da América e chegou até os Andes. Pelo Peabiru transitaram os indígenas, os aventureiros, os soldados e os missionários.

Portos e vilas espanholas foram fundados, já na primeira metade do século XVI, junto à Província do Rio da Prata. No ano de 1554 o capitão García Rodríguez de Vergara, sob comando do governador de Assunção, Domingos Martínez de Irala (1509-1556), fundou a primeira vila espanhola às margens do rio Paraná: Ontiveros. Dois anos após a fundação dessa vila, o governador Martínez enviou o capitão Ruy Dias de Melgarejo (1519-1602), para erguer uma nova vila. Fundada na foz do rio Piquiri, em 1557, foi denominada Ciudad Real Del Guairá – atual cidade de Guaíra – para onde foram transferidos os moradores de Ontiveros. Os guarani levavam uma vida mais ou menos nômade. Viviam da caça, da pesca e desenvolviam a cultura do milho, da mandioca e da batata-doce. Em Guairá foi estabelecida uma pequena fábrica de tecidos, além do comércio de erva-mate (PARELLADA, 2009, p. 61). A erva-mate se tornou a principal atividade econômica na região, contudo sua extração e transporte dependiam dos indígenas. Para isso, eram submetidos a um sistema compulsório de

⁴ "Pelo Tratado de Tordesilhas (1494), a Província Guairá era cortada pela linha divisória a leste da sua região. Sendo que este tratado dividia o mundo por uma linha imaginária que corria a 370 léguas do Cabo Verde, com as terras do ocidente pertencentes à Coroa de Castela e as do oriente ao Reino de Portugal [...]" (AGUILAR, 2002, p. 11).

⁵ "[...] as serras de Guarayrú representam provavelmente as escarpas do arenito Furnas, que limitam a leste o segundo Planalto paranaense" (PARELLADA, 2009, p. 59).

⁶ "Os guaranis formavam uma raça de muitos milhões de almas, distribuídos de maneira mais ou menos densa sobre metade do continente" (LUGON, 1977, p. 23).

trabalho denominado *encomiendas*, conforme esclarece Maxime Haubert:

O sistema de *encomiendas* era uma institucionalização de regime feudal, onde um grupo de índios era confiado pelo rei a um colono e a seus descendentes pelo prazo de duas ou três gerações, objetivando que os protegessem e os instruissem nos preceitos da fé católica; em contrapartida, o encomendeiro recebia em bens ou dias de trabalho o tributo que os índios vassallos deveriam ao rei da Espanha (HAUBERT, 1990, p. 35).

A excessiva exploração do trabalho dos indígenas para extração da erva mate e a ação defensora dos missionários, na tentativa de afastá-los dessa violenta submissão, ocasionou intensos conflitos entre colonizadores e religiosos. Queixavam-se os jesuítas que era muito difícil fazer o indígena entender como um deus poderia ser bom e, ao mesmo tempo, obrigá-los a se submeter a tantas crueldades impostas por colonizadores que, em tese, também eram cristãos. Por outro lado, a influência apaziguadora que os missionários exerciam entre indígenas e colonos, era muito apreciada pela nobreza, que "[...] tratava carinhosamente os padres e cedo lhes edificava uma casa, um colégio e uma bela igreja, que foi concluída em 1595" (LUGON, 1977, p. 28).

Em 1570, mais uma vila foi fundada no Guairá, a 60 léguas de Ciudad Real, num local onde havia a suspeita da existência de minas de ouro: Villa Rica del Espíritu Santo⁷. No entanto o único metal encontrado foi o ferro. A despeito de ser uma região de muitos recursos naturais e de boas condições de subsistência, os habitantes dessa vila foram transferidos no ano de 1589 para a confluência do rio Corumbataí com o Ivaí, em virtude de uma grande epidemia de varíola, que provocou a morte de muitos indígenas e também de espanhóis (PARELLADA, 2009). Um ano antes dessa epidemia os missionários da Companhia de Jesus chegaram ao Guairá onde permaneceram até 1638, quando a região foi invadida e destruída por forças portuguesas.

⁷ Atuais município de Fênix e Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo.

A COMPANHIA DE JESUS NO GUAIRÁ

Por ocasião da presença dos europeus no território Guairenho dois grupos culturais se encontraram: os guarani e os representantes da sociedade cristã europeia. Sob o controle da Coroa de Castela e autorização do superior geral da Companhia de Jesus, os primeiros jesuítas se estabeleceram no Guairá⁸ e iniciaram o trabalho apostólico "para maior glória de Deus".

Uma empreitada sem dúvida corajosa, pois os indígenas eram povos dinâmicos, com história e organização cultural própria. Todavia, embora fossem muitos, foram subjugados e submetidos ao violento processo colonizador e civilizador ao modo europeu. É importante lembrar que esse período (1540-1640) corresponde à chamada União Ibérica, ou dominação filipina ou habsbúrgica, isto é, o período que diz respeito à anexação de Portugal pela Espanha. Desse modo,

A evangelização no Guairá, ainda que possa parecer inexpressiva pela sua breve duração, realizou-se num momento de sumo interesse para a expansão da Monarquia Hispânica, estando unidos os Reinos de Castela e Portugal, facilitando-se, assim, a ocupação de um território de confins e conflitos. Ao mesmo tempo a Companhia de Jesus, respondendo aos apelos do pontífice romano, às orientações dos seus superiores e às coordenadas do soberano espanhol, expandia o seu campo missionário, unindo-se as forças com o envio de novos sujeitos das diversas províncias do mundo, para assumir uma realidade de evangelização, em busca da propagação da fé entre os gentios (AGUILAR, 2002, p. 429).

⁸ "Atuaram na missão do Guairá missionários que constituíam a Província Jesuítica do Paraguai das seguintes províncias de origem: *brasiliana* com os primeiros jesuítas desbravadores (Manuel Ortega e Tomás Fields), *castellana* (Martín Javier de Urtasum), *aragonia* (Silverio Pastor, José Doménech e Pedro Mola), *toletana* (Juan Agustín de Contreras, Cristóbal de Mendiola), *peruviana* (Antônio Ruiz de Montoya), *paraquaria* (Pablo de Benavides e Cristóbal de Mendoza), *neapolitana* (Simón Mascetta), *veneta* (José Cataldino), *flandro-belga* (Justo Van Suerck e Diego Ransonnier), *gallo-belga* (Jean Vaisseau e Louis Berger) e *campania* (Nicolás Hénard)" (AGUILAR, 2002, p. 210).

Quando o visitador do Brasil, onde os jesuítas já estavam desde 1549, Padre Cristóvão de Gouveia, recebeu autorização do superior geral, Padre Claudio Aquaviva, enviou à região do Rio da Prata, em 1587, os cinco primeiros missionários. Dois desses missionários foram enviados ao Paraguai, onde, em poucos anos organizaram colégios para os filhos dos conquistadores, seminários e casas de retiro, e iniciaram missões pelo interior do país. (LUGON, 1977). Um ano depois chegaram ao Guairá os primeiros padres jesuítas: Manuel Ortega e Tomas Fields. A princípio ficaram somente quatro meses em Villa Rica e nesse período atenderam espanhóis e indígenas, "[...] fazendo batismos, matrimônios e ainda pregando o evangelho através de incursões pelas aldeias indígenas, especialmente as Guarani, com as missões móveis" (PARELLADA, 2009, p. 65). Após quatro anos da epidemia de varíola, a pedido dos moradores de Villa Rica, os padres jesuítas retornaram para a cidade e permaneceram até 1599. A partir de 1610, com a chegada dos padres italianos, Joseph Cataldino e Simão Masseta, o trabalho se desenvolveu de forma mais organizada em virtude da implantação das primeiras Reduções.

A partir de 1610, os padres da Companhia de Jesus iniciaram a fundação das Reduções Jesuíticas no Guairá. Instalaram no vale do Paranapanema as Reduções de Nossa Senhora do Loreto e Santo Inácio do Ipaumbucu. Eles vinham de Assunção no Paraguai, atravessavam o rio Paraná na soleira de Sete Quedas, isto é, acima dos saltos mais ou menos onde hoje está a ponte que liga Guaíra ao Mato Grosso, e chegavam à vila espanhola de Ciudad Real del Guairá na embocadura do rio Piquiri no Paraná. Ali descansavam, arrumavam provisões e seguiam embarcados pelo rio Paraná e Paranapanema até as Reduções de Loreto e Santo Inácio (MOTA, 2010, p. 30).

Transformar pequenos grupos de indígenas em povoados maiores, ou seja, conduzi-los ao convívio junto aos missionários foi uma estratégia realizada após verificarem o insucesso das missões ambulantes, nas quais os religiosos passavam rapidamente pelas tribos, transmitiam conhecimentos básicos sobre os valores que deveriam seguir e o modo de vida que deveriam adotar e em seguida batizavam os membros do

grupo. Como isso não surtia o efeito desejado, ou seja, a inconstância do que era ensinado, a estratégia foi alterada. Concluíram que deveriam primeiro civilizar essas populações para depois catequizá-las. O processo de civilização demandava a presença constante do missionário na vida dos indígenas, bem como um grande esforço, pois:

Assim que uma tribo aceitava renunciar à vida nômade e se descobria uma localização favorável, era preciso construir, semear, comprar gado. Os padres expunham-se pessoalmente e labutavam duro. Esses jesuítas de famílias aristocráticas e de elevada cultura transformavam-se em açougueiros, carpinteiros, cavadores de enxada, pedreiros, carregadores (LUGON, 1997, p. 37).

Para além do esforço físico, os missionários empreenderam, sem dúvida, esforços muito maiores. A catequese, o batismo, o auxílio na recuperação dos enfermos, o ensino de ofícios, de música, assim como a luta contra os costumes da poligamia da antropofagia e a mediação dos conflitos entre espanhóis e indígenas, foram certamente desafios grandiosos. Essas reduções tiveram o apoio do comandante das forças espanholas no Guairá, Pero Garcia, que para isso recebeu ordens do governador do Paraguai D. Antonio de Anasco. No início do século XVII, entre 1614 e 1630 chegaram aproximadamente 14 novos jesuítas. E após a criação das Reduções de Nossa Senhora de Loreto e Santo Inácio Mini⁹, entre 1624 e 1628 foram criadas mais treze Reduções jesuíticas.

Algumas delas existiram por apenas dois anos, o que faz com que os vestígios destas missões pareçam similares de grandes aldeias, porém uma análise detalhada dos materiais, principalmente a cerâmica, além da presença de estruturas em taipa de pilão e alvenaria em pedra, associada aos dados históricos recuperados em documentos impressos, podem caracterizar estas áreas

⁹ Martin Javier Urtazun, Jean Vaisseau, Diego de Salazar, Francisco Ortega, Francisco Diaz Taño, Cristobal de Mendoza, Justo VenSuerck, Pedro Juan de Ocampo y Medina, Pedro de Mola, Diego Boroa, Claudio Ruyer, JuanAgustinContreras, Silverio Pastor e Ignacio Martinez (TECHO, 2005).

de forma definitiva (PARELLADA, 2009, p. 67).

Pesquisa realizada por Saul Bogoni, em 2008, nos indica a possível localização dessas reduções. Redução de São Francisco Xavier (1622), região onde estão localizadas as cidades de Santa Cecília do Pavão, Irerê e Londrina. Redução Nossa Senhora da Encarnação (1625), nas proximidades da atual cidade de Telêmaco Borba; Redução de São José (1625), onde hoje se encontram as cidades de Bela Vista do Paraíso e Sertanópolis; Redução de São Miguel (1627), aproximadamente onde hoje fica o município de Laranjeiras; Redução de Santo Antonio (1627) aproximadamente na região de Ivaiporã, Manoel Ribas e Grandes Rios; Reduções Nossa Senhora da Conceição e São Pedro (1627-1628), Sete Arcanjos e São Paulo (1627) às margens do Rio Ivaí; Reduções São Tomé e Jesus Maria (1628) possivelmente Planaltina e São Carlos do Ivaí. O mapa apresentado pela arqueóloga Cláudia Parellada auxilia na localização dessas Reduções.



Fonte: Parellada (2009, p. 62).

O projeto estrutural das Reduções seguia um modelo claramente definido baseado no padrão urbanístico espanhol. Os lugares escolhidos eram altos, com abastecimento de água e com distâncias pequenas umas das outras, permitindo viagens de um dia e troca de produtos entre eles. Cada Redução era constituída por uma praça central, onde eram realizadas as festas religiosas ou civis, e construções por todos os lados, sempre bem planejadas. De um lado, em primeiro plano, era construída a igreja, o colégio, sala de aulas para os filhos do cacique, o cemitério, e o cotiguaçu, ou seja, a casa das viúvas e dos órfãos. Do outro lado, a casa dos missionários e os ateliês. Na parte de trás ficavam o pomar e a horta. O espaço para a construção das casas dos indígenas, a portaria, a hospedaria, a

capela e a prisão eram rigorosamente estabelecidos. Ao redor, proteção contra indígenas não reduzidos e bandeirantes. Nessas Reduções o trabalho era intenso. Nas oficinas eram ensinados trabalhos manuais, produção de ferramentas e de tecidos.

A divisão do trabalho previa um período de trabalho nas terras "de Deus" e um período para o trabalho do sustento próprio. As atividades eram controladas. Homens e mulheres possuíam direitos e responsabilidades. Cerca de 6 a 8 mil pessoas chegavam a compor uma redução administradas por cerca de 2 ou 3 padres.

Conquistar a simpatia dos caciques e dos pajés era uma das primeiras estratégias para a conquista espiritual, assim como a aprendizagem da língua vernácula, a tradução do Catecismo e de partes da Bíblia, das orações, composição de textos religiosos específicos, entre outras estratégias. Essas estratégias catequéticas, utilizadas em todos os lugares onde os jesuítas se fizeram presentes, tiveram seus resultados, no Brasil, analisados por Ronaldo Vainfas (VAINFAS, 1995), Cristina Pompa (POMPA, 2003), John Manuel Monteiro (MONTEIRO, 2000b) e outros. Serge Gruzinski fez o mesmo para a América espanhola (GRUZINSKI SERGE, 2001).

Algumas crenças indígenas apresentavam analogias com os dados bíblicos e contribuíram para a aproximação entre os dois mundos culturais. Uma delas era sobre o profeta dos guarani, Tamanduaré, que teria sobrevivido a um dilúvio por ter sido advertido. A existência de tais crenças era explicada pelos missionários de uma maneira, no mínimo, curiosa:

A América teria sido evangelizada por um dos doze discípulos de Jesus, Tomé, Pay Tuma ou Zuma, também chamado Pay Abara, isto é, Pai que vive no celibato. Pay Tuma predissera aos seus fiéis índios que os descendentes abandonariam a verdadeira fé, mas que, passados muitos séculos, novos enviados chegariam, armados de uma cruz semelhante àquela que ele levava consigo. Na região de Tuyati, os primeiros missionários, levando uma cruz como bordão, foram recebidos, com efeito, em nome de Pay Abara, com extraordinária alegria, que os encheu de surpresa" (LUGON, 1977, p. 222).

Desse modo, o fato dos jesuítas terem vindo e apresentado uma cruz, fez com que fossem recebidos com reverência. Pode ser que tenham visto nos jesuítas a figura desse personagem o que poderia ter facilitado a introdução, a priori, desses estranhos e suas imposições. Essa empreitada, porém, não se deu sem movimentos de resistência. Cerca de quarenta movimentos de resistência, liderados por pajés, foram contabilizados na primeira década de 1600, conforme esclareceu Padre Montoya:

[...] sobrecarregados de trabalhos, os naturais da terra tomaram as armas, sacudiram de si o jugo, meteram-se em correrias pela terra e estâncias dos espanhóis, mataram a muitos e destruíram as suas fazendas, gados e plantações, despovoaram uma aldeia de espanhóis, e tinham a intenção de destruí-las todas [...] afirmando que não se rebelaram contra a Boa Nova, mas contra a tirania e os agravos ou danos (MONTROYA, 1977, p. 49).

Com efeito, no contexto da grande violência do processo colonizador, os jesuítas representavam um certo apoio aos indígenas. Atitude protetora que, de certa forma, acabou facilitando o trabalho dos bandeirantes paulistas. Os indígenas nas reduções deixaram de estar permanentemente preparados para combater os inimigos, de modo que, concentrados e domesticados, os missionários os tornavam suscetíveis à captura para serem utilizados como mão-de-obra.

Apesar dos nativos demonstrarem muito apreço pela música e os missionários a utilizarem como um dos métodos de conquista espiritual, as descrições poéticas sobre a construção de uma sociedade cristã entre os indígenas, não passam de ilusão. Promover a aproximação era uma árdua tarefa, todavia, a primeira de muitas. Transformar o modo de vida e habituar os guaranis a uma vida sedentária e rigorosamente regulada por horários, tarefas e compromissos materiais e espirituais, foi, sem dúvida, uma epopeia.

Sem cair nas apreciações injustas [...] deve-se reconhecer que todos os outros grandes povos da América do Sul possuíam, à chegada dos europeus, um nível moral mais elevado, uma inteligência mais aberta e qualidades naturais mais favoráveis ao desenvolvimento da vida social. À primeira

vista, os guaranis, nômades, inconstantes, violentos e fracos, ofereciam a matéria prima mais refratária e menos rica para a realização de um *ensaio de sociedade harmoniosa* (LUGON, 1977, p. 26)

Para além das adversidades e com uma ação pedagógica bem definida, os missionários constituíram reduções a partir de aldeamentos indígenas e atuaram como evangelizadores e educadores. Realizaram a instrução dos filhos dos colonos e, principalmente a catequese dos povos nativos preparando-os para a aceitação e a adaptação das novas formas de vida impostas pela colonização. Nessa empreitada, as missões do Guairá tiveram na pessoa do Padre Antonio Ruíz de Montoya um destacado representante.

ANTONIO RUIZ DE MONTROYA E SUA ATUAÇÃO NO GUAIRÁ

Juntamente com outros membros da Companhia, Padre Antonio Ruíz de Montoya desempenhou um trabalho importante junto aos guarani, no território guaireño. Filho do espanhol Cristóbal Ruiz com a limenha Ana Vargas¹⁰, nasceu em La Ciudad de Los Reyes (Lima) no Peru, no dia 13 de junho de 1585. Sua mãe faleceu quando era ainda muito pequeno e seu pai desejou regressar à Espanha. Tal desejo não se realizou, pois, ao chegar ao Panamá, o pequeno Antonio adoeceu e teve dificuldades para recobrar a saúde. Receoso pela longa viagem, seu pai preferiu retornar a Lima, local onde faleceu deixando órfão o pequeno Antonio com nove anos de idade. Em testamento lavrado o pai deixara delineado o futuro de Antonio: deveria completar sua formação religiosa no Seminário de San Martín e na sequência partir para a Espanha.

Todavia, não tendo suas orientações cumpridas pelos testamentários, Antonio

¹⁰ Cristobal Ruiz de Montoya, era de Sevilha e provavelmente irmão do padre Diego Ruiz de Montoya, jesuíta com grande prestígio nos meios políticos e a quem seguramente deveu um bom posto de funcionário em Lima-Peru. Casou em Lima com Ana de Vargas, cuja boa posição social e a proeminência burocrática alcançada na corte Vice Reinal do conde de Villar, permitiram, à precoce morte de ambos os cônjuges, deixar a seu único filho uma fortuna suficiente para que Antonio durante os anos moços desconhecesse por completo tudo o que pudesse ser uma atividade produtiva ordenada (TORMO SANZ Y BLANCO, 1989, p. 38-39).

ingressou no Colégio da Companhia de Jesus em Lima, onde permaneceu até completar 16 anos, idade em que buscou vivenciar os entretenimentos de jovens. Também tentou se tornar soldado. Sem obter êxito nessas empreitadas, decidiu partir para a Espanha, contudo, o Panamá, mais uma vez, redirecionou os rumos do jovem Antonio.

No Panamá conheceu um sacerdote da Companhia de Jesus com quem conversou e fez uma confissão geral. Seguindo os conselhos desse jesuíta, Antonio desistiu da viagem, retornou a Lima, onde retomou os estudos. Pouco tempo depois, a fim de decidir os rumos de sua vida, foi introduzido aos Exercícios Espirituais de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus.

Os exercícios Espirituais (EE) foram escritos por Inácio de Loyola (1491-1556) entre os anos de 1521 e 1539, período que compreende sua conversão e o reconhecimento da Companhia de Jesus pela Cúria Romana. Os EE são um manual de espiritualidade. Nele estão compilados procedimentos e artifícios mentais, aprendidos e desenvolvidos por Inácio de Loyola, ao longo de quase duas décadas de experiência apostólica, peregrinação, meditação e estudos. As quatro Semanas dos EE completos são um processo que ultrapassa o âmbito da oração e atingem, por meio de procedimentos que contemplam a um só tempo a mente e o corpo, um caráter pedagógico, ancorado no exame de consciência e na repetição. Trata-se de um treinamento planejado, baseado na ideia de exercício (ARNAUT DE TOLEDO, SKALINSKI JUNIOR, 2012, p. 230).

Após a prática dos exercícios espirituais decidiu pelo ingresso na Ordem no ano de 1606, por volta dos 21 anos de idade. Em 1608, concluiu seu noviciado em Córdoba de Tucumã, para onde havia sido levado pelo Padre Diogo de Torres Bollo. Isso porque, na região espanhola:

[...] a primeira província criada foi a do Paraguai, com sede em Assunção, de onde começou a instalação das reduções indígenas. O primeiro designado foi Padre Diego de Torres Bolo, em 1604, que chegou ao Rio da Prata em 1607, com treze missionários, com a determinação de que os jesuítas se dirigissem ao Paraná, Guairá e à região dos Guaicurus. Foi a ele que o jovem Montoya manifestou o desejo de trabalhar

como missionário junto aos índios do Paraguai (BOGONI, 2008, p. 28).

Após a conclusão do noviciado iniciou os estudos de Filosofia e Teologia. Por demonstrar o desejo de ingressar nos trabalhos apostólicos da Companhia, ainda que seus superiores enxergassem nele um futuro professor de Ciências Sagradas, teve seus estudos abreviados e foi enviado para as Missões do Guairá, após celebrar sua primeira missa, em 1612. De modo que, junto aos companheiros italianos Padre José Cataldino e Padre Simão Masseta puderam se dividir entre os dois povoados: Santo Inácio e Nossa Senhora de Loreto.

Pouco tempo antes da chegada de Padre Montoya ao território guaireño, em 11 de setembro de 1611, haviam sido promulgadas as *Ordenanzas de Alfaro* que tinham como objetivo regulamentar os direitos dos indígenas. Todavia, esses direitos foram postos em prática de maneira bem precária, com exceção nas regiões administradas pelo jesuítas. As Ordenanças, porém, não proibiam a *encomienda*. Na época da chegada de Padre Montoya ainda era grande o clima de hostilidade no Guairá em virtude dessas questões. Uma das estratégias utilizadas por Padre Montoya era se apresentar com a cruz, o Evangelho ilustrado e, às vezes, o estandarte com a tela da Virgem Maria. Na medida em que os índios aceitavam a presença dos jesuítas, novas reduções eram formadas (PARELLADA, 2009). Nos discursos os padres explicavam que a razão do trabalho deles era "[...] fazê-los filhos de Deus e libertá-los da escravidão do demônio" (MONTROYA, 1997, p. 39). As reduções eram fundadas, em sua maioria, junto a aldeias nativas já estruturadas. Padre Montoya esclarece que as reduções eram constituídas por:

[...] povos ou povoados de índios, que vivendo a sua antiga usança em selvas, serras e vales, junto a arroios escondidos em três, quatro ou seis casas apenas, separados uns dos outros em questões de léguas duas, três ou mais, reduziu-os a diligencia dos padres a povoações pequenas e a vida política (civilizada) e humana, beneficiando algodão com que se vistam, porque em geral viviam na desnudez, nem ainda cobrindo o que a natureza ocultou (MONTROYA, 1997, p. 34).

Nesse sentido, os jesuítas buscavam a mudança comportamental dos nativos, visando levá-los à adoção da forma de ser da sociedade cristã europeia. O sucesso dessa empreitada dependia de condições prévias, uma delas era o domínio da língua nativa. Padre José Cataldino e Simão Masseta, haviam sido muito instruídos pelo Padre Diego de Torres, que afirmava que a conversão dos indígenas dependia de bons exemplos, de oração e de muito estudo da língua. O conhecimento da língua dos nativos, além de possibilitar e facilitar a interação entre indígenas e missionários, eliminava a necessidade de intérpretes e conduzia a um melhor aproveitamento da cultura guarani, além de dispensar uma terceira pessoa durante as confissões, um dos grandes problemas para os missionários, uma vez que, ia contra os fundamentos desse sacramento.

Outra questão era evitar confusões com conceitos utilizados pelos nativos e conhecer como se estabeleciam as relações desses com o sobrenatural. Um exemplo de dificuldade com os conceitos ocorreu com o conceito de Deus. Os jesuítas optaram pela palavra *tupã* para designar deus, mas essa palavra se referia ao fenômeno da natureza conhecido por trovão, não era para os indígenas um conceito religioso. *Tupã* era um personagem da mitologia indígena, não o principal. O principal era o criador, chamado de *Maíra*, mas a palavra *tupã* foi designada para se referir ao deus dos cristãos. Foi utilizada na América portuguesa e na América espanhola.

De modo que uma das primeiras preocupações do Padre Montoya, ao iniciar sua missão evangelizadora junto aos guarani, foi então, dominar o idioma, que segundo ele "[...] com o curso ininterrompido de falar e ouvir a língua deles, consegui facilidade nela" (MONTROYA, 1977, p. 41).

Atento e obediente às recomendações recebidas, Padre Montoya aplicava o ministério jesuítico entre indígenas e espanhóis, a fim de garantir a salvação de todos. O trabalho de ensino da língua juntamente com a catequese dava preferência em iniciar as crianças, em primeiro lugar, para que pudessem influenciar as outras pessoas da família. Essas atividades ficavam mais organizadas à medida que novos missionários chegavam. Foi o caso da fundação da escola assim

que Padre Martinho Urtazunchegou¹¹, conforme relatou Padre Montoya:

Naquele tempo veio em nosso auxílio um companheiro, que foi o Pe. Martinho Urtazun. [...] Com isso pudemos dividir-nos em dois povoados, morando dois de nós em cada um deles, os quais foram Loreto e Santo Inácio. Fundamos uma escola de ler e escrever para a criançada e juventude (MONTROYA, 1997, p. 59).

Nas escolas as crianças aprendiam a ler, escrever, contar e as bases da doutrina cristã. Desde os sete anos já participavam da vida civil e religiosa. Além da catequese, desenvolviam atividades musicais com instrumentos de corda. Também participavam de coros organizados pelos missionários jesuítas. Os adultos, por sua vez, tinham horário fixado para a evangelização. O ensino era realizado com o apoio de livros ilustrados sobre a vida de Jesus, modelos de esculturas, pinturas e arquitetura utilizadas em igrejas e colégios.

Em 1617, na missão de San Ignacio Mini havia 850 famílias Guarani, sendo que 500 crianças estudavam no colégio, situado ao lado da igreja. Nessa época, estavam cerca de 8.000 indígenas morando em San Ignacio e Loreto, que possuía igrejas e casas consideradas admiráveis, áreas de plantações de videiras, cana de açúcar, milho, batata, amendoim e mandioca, de criação de gado, ovelhas e cabras. Aos índios eram ensinados ofícios para tornarem-se viticultores, carpinteiros, oleiros, pedreiros e arquitetos, além dos padres aperfeiçoarem as técnicas tradicionais indígenas de plantio (PARELLADA, 2009, p.71).

Padre Montoya desempenhou um projeto apostólico-político, pois, dedicou sua vida missionária na conversão, civilização e defesa dos indígenas, conduzindo-os a uma vida política e humana, longe da vida selvagem que os afastava da fé cristã, de modo que, o missionário recebeu o título de apóstolo do Guairá.

O padre Ruiz de Montoya foi o *apóstolo do Guairá* em comunhão com a apostolicidade

¹¹ Padre Martinho Urtazun era sobrinho de Francisco Xavier "[...] o grande apóstolo das Índias Asiáticas ou do Oriente (MONTROYA, 1997, p.72).

dos seus companheiros. A sua presença contribuiu na expansão da missão entre os guairenses, na consolidação das reduções guaranícas, na defesa dos avanços e ataques dos inimigos, na disposição em *purificar* os neófitos da *vida bárbara*, no salvaguardar o patrimônio histórico-doutrinário de uma experiência missionária, sendo um incansável itinerante nos difíceis caminhos do Guairá, na busca incessante da *conquista espiritual*, com os demais jesuítas, na difícil *indústria* de transformar *rusticos bueltos ya en políticos Christianos, con la continua predicacion del Evangelio* (AGUILAR, 2002, p. 210).

O empenho de Padre Montoya com os cuidados e a evangelização dessa população, bem como a habilidade desenvolvida com a língua dos nativos e sua dedicação na elaboração de dicionários¹², gramáticas e catecismos fez com que ele se sobressaísse em meio aos outros jesuítas e assumisse o comando da missão jesuítica no Guairá.

[...] padre Ruiz de Montoya, descobridor e evangelizador de terras ainda não penetradas, eminente linguista, apóstolo incansável e catequista experimentado, fecundou as vastas terras do Guairá e da imensa Província Jesuítica do Paraguai, com o espírito do Evangelho, na defesa dos índios e no sublime cultivo da ascese e da mística cristã (AGUILAR, 2002, p. 417).

Com efeito, mesmo com todo o zelo, organização e estratégias dos membros da Companhia de Jesus para reduzir os indígenas à fé católica e à adoção do modo de vida da cultura europeia, eles não escaparam da gana das expedições bandeirantes do século XVII. Diferentemente do século anterior em que suas expedições eram caracterizadas como defensivas, as expedições bandeirantes do século XVII foram consideradas como ofensivas, pois tinham como objetivo principal, como afirma John Monteiro (2000), o apresamento de Indígenas. Os indígenas capturados nessas investidas eram vendidos para

as capitânicas setentrionais. Padre Montoya descreve muitos desses ataques e captura dos indígenas e a conseqüente destruição das reduções no Guairá.

Entrou essa gente, pior que alarbes em nossas reduções: cativando, matando e despojando altares [...] dispararam alguns arcabuzes, ferindo oito ou dez dos índios que nos acompanhavam. Morreu um deles, ali mesmo, devido a um balaço, que lhe deram numa das coxas. O Pe. Cristóvão de Mendoza saiu ferido de um flechaço [...] Pouco depois entraram a som de caixa e em ordem militar nas duas reduções de Santo Antônio e São Miguel, destroçando índios a machadadas. Os pobres dos índios com isso se refugiaram na igreja, onde os matavam - como no matadouro se matam vacas (MONTROYA, 1997, p.142).

Entre os anos de 1628 e 1631 as reduções sofreram intensos ataques pelos bandeirantes, chefiados por Antônio Raposo Tavares e Manuel Preto. Como a situação ficava pior a cada invasão, Montoya e os demais padres concluíram que era necessário transferi-las para outra região, em busca de mais segurança. Após um árduo trabalho de convencimento dos indígenas, puseram-se a preparar a fuga. "O ruído das ferramentas, a pressa e confusão, davam a impressão de aproximar-se o juízo final [...]"(MONTROYA, 1997, p.150). Na fuga, dos doze mil indígenas que aceitaram ir com os padres, restaram apenas quatro mil que ajudaram formar novas reduções entre os rios Paraná e Uruguai, onde já haviam outras estabelecidas.

Destruídas as reduções no Guairá, as populações indígenas se dispersam. Parte foi para o sul junto com os padres fundar os trinta povos das missões nas margens dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai; outra parte foi levada presa pelos bandeirantes para São Paulo, e o restante dispersou por seus antigos territórios no Guairá - Paraná - e na Serra de Maracaju no Mato Grosso. Até meados do século XIX, a região foi visitada pelos Kaingang que expandiram seus territórios e, com certeza, pelos Guarani-Kayowá que circulavam pelo rio Paranapanema (MOTA, 2010, p. 32).

Em 1636, Ruiz de Montoya se tornou o Superior de Todas as Missões. Nos anos 1637 e

¹² Os missionários enviados para fundar missões "[...] geralmente pertenciam a famílias da alta aristocracia europeia, falavam quatro idiomas - o materno e mais três - por exemplo, o espanhol, o latim, o francês e o alemão. No caso do Paraguai, todos os missionários que ali chegavam aprendiam também o guarani (OLIVEIRA, 2004, p. 43).

1638 a região do Tape foi invadida e destruída. Em virtude dessas violentas invasões pelos colonos portugueses que caçavam os nativos, mas que também aprisionavam os neófitos, no ano de 1638, Padre Montoya e Francisco Díaz Taño foram a Madrid denunciar os crimes cometidos contra os indígenas e a omissão das autoridades coloniais. Também solicitaram licença para munir os indígenas com armas de fogo e o aumento do número de missionários. Em sua obra ele relatou os argumentos que usou junto à Corte de Felipe IV:

Não é meu intento relatar os agravos que os índios comumente recebem, porque isso seria o mesmo que recopilar a muitos autores e, acrescentando-lhes o que vi, equivaleria a fazer um volume muito grosso. Os agravos que me obrigaram a vir a esta Corte, será contudo forçoso que os narre em seu devido lugar, mas aqui terei de referir os efeitos dos mesmos. Seja um deles de os gentios não quererem aceitar o Evangelho. O segundo vem a ser o de os já cristãos detestá-lo, porque, se pelo ouvido captam a justificação da Lei Divina, pelos seus olhos vêem a contradição humana, praticada em obras. (MONTROYA, 1977, p. 46).

Além dos argumentos acima apresentados, Padre Montoya afirmava que os indígenas eram súditos da Coroa Espanhola e, sendo assim, também tinham o direito de se defender. A autorização para armar um contingente guarani, mesmo com a surpresa de muitos, foi concedida. Contudo, tiveram que se comprometer a não solicitar subsídios para a compra das armas. Ruíz de Montoya permaneceu cinco anos em Madri, período em que publicou quatro obras: *Conquista Espiritual*, *Tesouro da língua guarani*, *Arte e vocabulário da língua guarani* e *Catecismo da língua guarani*. A publicação dessas obras demonstra parte do esforço empreendido por Padre Montoya para manter e respeitar a cultura do povo guarani ao mesmo tempo em que facilitavam as trocas interétnicas e a conquista espiritual.

Em 1643, Montoya retornou à América e foi a Lima, onde deveria entregar as Cédulas Reais ao Vice-rei do Peru, que autorizavam armar a população indígena. Em Lima, ainda trabalhou durante seus últimos anos de vida na defesa dos jesuítas que sofriam acusações feitas pelo bispo de

Assunção. Ruíz de Montoya faleceu, em Lima, em 1652. A titularidade da ocupação do território à margem esquerda do rio Paraná passou definitivamente ao domínio português após a celebração do Tratado de Madri em 1750, que redefiniu as fronteiras entre os domínios dos dois reinos ibéricos na América. Após a destruição das reduções pelos bandeirantes, a região ocidental do território paranaense, sem os indígenas e sem materiais preciosos, ficou abandonada por aproximadamente mais de um século. Apenas no litoral encontrava-se uma presença portuguesa, em Paranaguá e Curitiba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As missões no Guairá transformaram a vida dos dois grupos culturais naquele início do século XVII. Cristãos e indígenas se submeteram a muitos desafios para conviver num mesmo espaço e sobreviver ao violento processo de expansão colonial. As investidas dos paulistas, porém, puseram fim às Reduções jesuíticas do Estado do Paraná, antiga Província Guairá, e ao projeto educador e evangelizador que a Companhia de Jesus desenvolvia com os Guarani da região.

Para além de sua atividade missionária, Padre Montoya é destacado por sua produção literária, na qual está o registro da história e da memória do início e do ocaso da experiência missionária jesuíta no Guairá, de modo a demonstrar as ações da Companhia de Jesus no sul da América como também, os enfrentamentos com os colonizadores e sua empreitada na defesa dos índios guaranis. Sua atividade literária promoveu, também, a preservação da cultura guarani, em especial, da língua por meio da elaboração de gramáticas guarani-espanhol e espanhol-guarani.

As estratégias utilizadas na introdução do cristianismo entre os guaranis, seguiram a tradição construída pela Companhia de Jesus: a conquista dos membros líderes das aldeias, a inserção no modo de ser dos indígenas, naquilo que não comprometesse os princípios morais dos religiosos, a evangelização das crianças como forma de atingir os adultos, a inculcação da ideologia cristã católica como um sistema de autorreferenciação para a condução dos modos de agir e, por fim, a promessa de segurança perante a violência transparente do colonizador.

Por um lado o sistema de reduções aprimorou, organizou e facilitou a ação educativa

e missionária dos jesuítas na catequização e busca da conversão dos indígenas no Guairá, assim como em outras regiões da América Espanhola. Por outro lado, agrupados em reduções se tornaram vulneráveis aos colonizadores. Por meio da obra *Conquista Espiritual*, Padre Montoya nos dá seu testemunho acerca da instigante experiência que a Companhia de Jesus empreendeu no Paraná espanhol, "em nome de Deus".

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Jurandir Coronado. **Conquista Espiritual: A História da Evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S. I. (1585- 1652)**. Roma, EPUG, 2002.
- ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar; SKALINSKI JUNIOR, Oriomar. A racionalidade da espiritualidade inaciana e sua contribuição para a educação escolar na modernidade. In: ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar; RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas; SKALINSKI JUNIOR, Oriomar(Orgs.). **Origens da Educação Escolar no Brasil Colonial**. Volume I. Maringá: EDUEM, 2012. p. 231- 266.
- BAETA NEVES, Luis Felipe. **O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.
- BOGONI, Saul. **O Discurso de Resistência e Revide em Conquista Espiritual (1639), de Antonio Ruiz de Montoya: Ação e Reação Jesuítica e Indígena na Colonização Ibérica da Região do Guairá**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Maringá. EDUEM, 2008.
- GRUZINSKI, Serge. **O Pensamento Mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HAUBERT, Maxime. **Índios e jesuítas no tempo das missões**. São Paulo: Companhia das letras, 1990.
- LUGON, Clóvis. **A República "Comunista" Cristã dos Guaranis (1610-1768)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MAINKA, Peter Johann. O início da colonização do Brasil no contexto da expansão marítima portuguesa (1415-1549). In: ARNAUT DE TOLEDO, Cezar de Alencar; RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto Ribas; JUNIOR, OriomarSkalinski (Orgs.). **Origens da Educação Escolar no Brasil Colonial**. Volume I. Maringá: EDUEM, 2012, p. 17 - 88.
- MONTEIRO, John Manuel. **Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000a.
- _____. Traduzindo tradições: gramáticas, vocabulários e catecismos em línguas nativas na América Portuguesa. In: JOAQUIM, Pais de Brito. **Os índios, nós**. Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, 2000b.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. S. J. **Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape**. Trad. Vernácula: Arnaldo Bruxel. Rev. do texto, apres. e notas: Arthur Rabuske. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed. 1997.
- MOTA, Lucio Tadeu (Org.). **Redução Jesuítica de Santo Inácio**. Maringá, EDUEM, 2010.
- NEVES, Guilherme Pereira das. Jesuítas. In: **DICIONÁRIO do Brasil Colonial (1500-1808)**. Ronaldo Vainfas (Org.). Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 326.
- OLIVEIRA, Marilda de. **Identidade e Interculturalidade - História e Arte Guarani**. Santa Maria: UFSM, 2004.
- OLIVEIRA, Oséias de. **Índios e jesuítas no Guairá: a redução como espaço de reinterpretação cultural**. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista. 2003.
- PARELLADA, Cláudia Inês. O Paraná espanhol: cidades e missões jesuíticas no Guairá. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Cultura (org.). **Missões: conquistando almas e territórios**. Curitiba, 2009, p. 59-79.
- POMPA, Cristina. **Religião como Tradução**. Missionários, Tupi e "Tapuia" no Brasil Colonial. Bauru: EDUSC, 2003.
- STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. **História do Paraná: do século XVI à década de 1950**. Londrina: UEL, 2002.
- TORMO SANZ, L. y BLANCO, R.R. **Montoya y su lucha por la libertad de los índios – Batalla de M' Bororé**. São Paulo: Enveloart, 1989.
- VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios: catecismo e rebeldia no Brasil colonial**. São Paulo. Companhia da Letras, 1995.